

**O MANIFESTO DE SARA COPIA SULLAM,
ESCRITORA JUDIA NA VENEZA DO SÉCULO XVII¹**

**THE MANIFESTO OF SARA COPIA SULLAM,
JEWISH WRITER IN XVII CENTURY VENICE**

Valentina Cantori*

Resumo: Sara Copia Sullam (c.1592-1641) foi uma escritora judia que viveu durante a primeira metade do século XVII no gueto de Veneza, o primeiro a ser edificado na Europa e um dos mais importantes para a história do judaísmo. Copia escreveu poesia e prosa em língua italiana; em vida, publicou apenas uma obra, o *Manifesto*, redigido para se defender da acusação de não acreditar na imortalidade da alma, que lhe fora lançada publicamente por Baldassarre Bonifacio. Neste artigo publico o *Manifesto* em tradução para o português, apresentando considerações sobre a vida e a obra de Sara Copia Sullam, autora esquecida durante séculos, mas de grande importância para repensar a história do judaísmo e a literatura italiana.

Palavras-chave: Sara Copia Sullam. Gueto de Veneza. Judaísmo. Literatura italiana. Imortalidade da alma. Contrarreforma.

Abstract: Sara Copia Sullam (c.1592-1641) was a Jewish writer who lived during the first half of the XVII century in the ghetto of Venice, the first to be built in Europe and one of the most important in the history of Judaism. Copia wrote prose and poetry in Italian. In her life she had only one work published, the *Manifesto*, composed in order to defend herself from the accusation of not believing in the immortality of the soul, an accusation moved publicly against her by Baldassarre Bonifacio. In this article I publish the *Manifesto* translated into Portuguese, introducing considerations about the life and the works of Sara Copia Sullam, an author who has been forgotten for centuries, but extremely important to rethink the history of Judaism and Italian Literature.

Keywords: Sara Copia Sullam. Ghetto of Venice. Judaism. Italian Literature. Immortality of the soul. Counter-Reformation.

¹ Este artigo registra uma parte da minha pesquisa de pós-doutorado, realizada entre 2019 e 2021 no Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), sob supervisão do Professor Dr. Moacir Amâncio. Agradeço ao Professor Amâncio pela orientação e pelo diálogo; a Dirceu Villa, poeta, tradutor e professor, pelas conversas sobre poesia e tradução, e pela leitura dos textos aqui apresentados.

* Valentina Cantori é formada em Literatura Italiana e Linguística pela Universidade de Roma La Sapienza, doutora em Filologia e Linguística Românica pela Universidade de Macerata e pela Universidade Hebraica de Jerusalém. Concluiu na USP um pós-doutorado sobre literatura italiana e judaísmo, e atualmente é pós-doutoranda na UFPR, dedicando-se à poesia italiana contemporânea e à tradução.

E-mail: <valentina.cantori@gmail.com>.

Em Veneza é chamado *il Guetto*, e em outros lugares *la Giudeca*, onde [os judeus] são trancados todas as noites e podem sair de manhã só a partir de uma certa hora até a noite quando devem se retirar, e não de retornar lá antes do tocar da meia-noite, que é uma hora antes da noite fechada; de outra maneira, seriam multados. E se estivesse já fechado, e se fossem encontrados à noite pela cidade, seriam punidos fisicamente.²

O gueto de Veneza, construído em 1516,³ foi o primeiro da História, e é assim que Nicolas Audeber o descreve em seu livro *Le voyage et observations de plusieurs choses diverses qui se peuvent remarquer en Italie* [Viagem e considerações sobre muitas coisas diversas que se podem observar na Itália]⁴, quando já haviam se passado mais de cinquenta anos de sua edificação.

1516 é apenas uma das datas que determinaram um processo crescente de anti-semitismo, enraizado no pensamento ocidental desde tempos imemoriais. Séculos antes, durante o Quarto Concílio de Latrão (1215), o Papa Inocêncio III estabeleceu que os judeus teriam de levar na roupa um sinal que os distinguisse dos cristãos;⁵ com o passar dos anos mudariam a forma e a cor,⁶ mas o caráter discriminatório se manteria constante. Obrigações e proibições caracterizaram a vida judaica na Idade Média e nos séculos a seguir, e, além das regras relativas ao vestuário, muitas outras foram as medidas contra os judeus, como, por exemplo, a impossibilidade de possuir bens imóveis, ou a proibição de muitos ofícios.

A edificação do gueto veneziano, que seria tomado como modelo por outras cidades, mostrou como seria possível segregar a população judia dentro da cidade, significando uma

² Cfr. Audeber 1656, p. 123. [Em minha tradução].

³ Nesse mesmo ano, no *Collegio* da Sereníssima, ataques explícitos foram lançados contra os judeus, considerados a causa dos males de Veneza. Em 29 de março de 1516, a República exarou um decreto por meio do qual se estabelecia que todos os judeus deviam afastar-se da população cristã e transferir-se no *geto novo*, próximo de San Girolamo (cfr. Calimani 1995, p. 43; Gallicciolli 1795, pp. 303-304). A palavra *geto* (transformada em *gheto* a partir da pronúncia asquenaze) significa “jato”, remetendo à coada dos metais quando são fundidos; o termo era utilizado para indicar o lugar onde surgia uma fundição, região em Cannaregio que seria destinada à morada dos judeus.

⁴ Cfr. Harrán 2009, p. 11.

⁵ Em 1227, o Papa Honório III decidiu que o sinal de distinção seria um tecido em forma de roda ou de O; só mais tarde, durante os Concílios de Ravena (1311-1317), seria indicada a cor amarela.

⁶ Em 1360, o papa Inocêncio VI decretou que a marca distintiva devia ser uma touca vermelha; após algumas décadas, o sinal voltaria a ter forma de roda, inicialmente de cor vermelha e amarela, e depois só amarela. As medidas discriminatórias mudaram durante os séculos, sendo determinadas também pelas autoridades locais de cada cidade; o decreto que obrigava os homens maiores de treze anos a exibir um sinal em forma de roda chegou a Veneza em 1394, e, no começo, quem não precisava responder a essa imposição eram os médicos que haviam recebido permissão das autoridades — o privilégio seria mantido só até 1409 — e as mulheres, que mais tarde também seriam discriminadas, tendo de vestir, em geral, um laço ou uma touca de cor amarela. Em 1496, o tecido em forma de roda foi substituído pelo chapéu amarelo, ao qual se juntou, a partir do século XVII, o chapéu vermelho, estabelecendo uma regra que vigoraria em Veneza até a época napoleônica.

exclusão cada vez mais estrutural e articulada, que, alternando momentos de maior ou menor agressividade, reforçaria o anti-semitismo — e com isso injustiça, violência e morte — até o século XX. Apesar dessa marca histórica, Veneza foi uma das cidades mais tolerantes em relação à minoria judia, vendo surgir dessa convivência diversas manifestações intelectuais e artísticas; a população do gueto de Roma,⁷ construído quarenta anos depois, ao contrário, viveria em condições duríssimas durante séculos⁸.

A contribuição dos judeus para o dinamismo da Sereníssima atingiu seu ápice entre os séculos XVI e XVII, e algumas das famílias que tiveram papel determinante no desenvolvimento da economia marítima foram judias. Por sua posição geográfica e sua proximidade ao mar, Veneza constituía uma encruzilhada de línguas e culturas, passagem entre Oriente e Ocidente, fundamental não apenas para economia e comércio, mas também para o mundo das artes e das letras; seu cosmopolitismo reverberava em toda parte, inclusive no gueto, que ao longo das décadas abrigou judeus de diversas tradições e proveniências.⁹

A presença judaica, além de favorecer o aspecto econômico, estimulava o debate filosófico e a atividade editorial. O livro impresso havia mudado completamente a relação com o texto e a prática da leitura, influenciando igualmente os interesses comerciais; já com Aldo Manuzio (1449-1515) Veneza começava a ser considerada o maior centro editorial da Europa, publicando textos em italiano, latim e grego, e tornando-se, numa alternância de momentos mais ou menos propícios, também sede principal para a publicação de livros em hebraico,¹⁰ cujo prestígio seria reconhecido nas diversas regiões europeias e do Mediterrâneo¹¹. Os responsáveis pelas atividades editoriais e tipográficas eram cristãos, e os judeus, na maioria dos

⁷ O inglês Richard Lassels (1603–1668), padre e homem de letras, durante uma viagem pela Itália registrou suas impressões sobre o costume romano que via os judeus competirem na rua principal da cidade: “É chamado o *Corso*, porque é aqui que fazem correr Cavalos contra Cavalos, Judeus contra Judeus, Moços contra Moços, durante o período do *Carnaval*.” (cfr. Lassels 1686, parte II, p. 119). [Em minha tradução].

⁸ Em meados do século XIX, o intelectual e político italiano Massimo d’Azeglio (1798-1866) se expressou a respeito da condição dos judeus romanos: “O que é o gueto de Roma sabem-no apenas os Romanos e aqueles que o viram. Mas quem não o visitou, saiba que junto da Ponte das Quatro Cabeças estende-se, à beira do Tibre, um bairro, ou, melhor dizendo, um acúmulo informe de casas e casebres mal cuidados, ainda pior reformados e quase caindo aos pedaços [...] em que se espreme uma população de 3900 pessoas, onde, ao contrário, mal caberia a metade. As ruas estreitas, imundas, a falta de ar, a sujeira que é consequência inevitável da aglomeração forçada de uma população excessiva, quase toda miserável [...]” (cfr. D’Azeglio 1850, p. 277). [Em minha tradução].

⁹ Os primeiros habitantes do gueto foram judeus italianos e asquenazes; depois chegaram os levantinos (1541) e os sefardim (1589), que, por movimentar uma parte importante da economia veneziana, foram os últimos a ser confinados. Em poucas décadas a população judia cresceu rapidamente, e, não podendo ser ultrapassadas as fronteiras do gueto, novas habitações surgiram dentro desse mesmo perímetro, causando problemas de lotação e determinando condições de vida ainda mais precárias (cfr. Calimani 1995; Milano 1963).

¹⁰ Cfr. Shear e Hacker 2011; Heller 2004; Calimani 1995, pp. 88-102.

¹¹ Manuscritos compostos nos territórios do além-mar (em Safed, por exemplo) eram enviados a esse destino para ser publicados com a renomada técnica veneziana e materiais de qualidade, enfrentando uma longa — e às vezes arriscada — travessia (cfr. Heller 2011, p. xv).

casos, podiam trabalhar apenas como revisores de textos e compositores; foi Daniel Bomberg (1483-1553¹²), tipógrafo cristão da Antuérpia, quem deu início à impressão dos livros hebraicos em Veneza¹³, mas sua atividade não teria sido possível sem a colaboração de especialistas judeus.

O gueto constituía um mundo à parte, plural e heterogêneo, movimentando a cidade ao seu redor e suas relações externas; se por um lado evidenciava a hostilidade e a discriminação que vinham de fora, por outro protegia sua população e reforçava a centralidade da vida comunitária, tornando mais vívidas as manifestações da arte e do intelecto, que interessavam também aos cristãos. O rabino Leon Modena¹⁴ (1571-1648) conta que seus sermões atraíam um grande público, do qual faziam parte nobres venezianos, padres, frades e diplomatas, que iam ao gueto para escutá-lo; além dele, outros que tentaram dialogar e interagir com personalidades cristãs foram Simone Luzzatto¹⁵ (1583¹⁶–1663) e Sara Copia Sullam (c.1592¹⁷-1641).

¹² As datas que indicam sua morte oscilam entre 1549 e 1553.

¹³ Bomberg publicou volumes importantíssimos, chegando a imprimir mais de duzentos títulos, entre os quais a primeira Bíblia rabínica (*Mikra'ot Gedolot*) e a *editio princeps* do Talmude Babilónico e do Talmude de Jerusalém (cfr. Heller 2004, p. xvii).

¹⁴ Pensador eclético e original, sábio e ao mesmo tempo audacioso, Leon Modena (ou Leone da Modena) foi uma das figuras mais importantes do judaísmo italiano, rabino em Veneza durante muitas décadas. Com poucos anos de idade lia e traduzia textos em hebraico e italiano, e por isso era considerado um prodígio; sua curiosidade foi sempre versátil e porosa, demonstrando grandes qualidades intelectuais e artísticas. Em 1594, Modena assumiu o cargo de rabino, e, além de dedicar-se a esse ofício, desempenhou muitas outras atividades, deixando também importantes escritos, como o polémico *Ari Nohem* [O Leão rugiu], texto anti-cabalístico publicado póstumo; *Sod Yesharim* [Segredo dos probos] (1594); *Lev Arié* [Coração de Leão] (1612); *Hayye Yehudah* [A vida de Yehudah], sua autobiografia; *Historia de Riti Hebraici, Vita e Osservanze degli Hebrei di questi tempi* [História dos Rituais Judaicos, Vida e Preceitos dos Judeus destes tempos], que compôs com o objetivo de divulgar o conhecimento das práticas judaicas entre os leitores cristãos. Em 1619, publicou *L'Ester - Tragedia Tratta dalla Sacra Scrittura* [Ester - Tragédia Inspirada nas Sagradas Escrituras], dedicando a obra à sua discípula Sara Copia Sullam — “À mui ilustre senhora e dona obsequiosíssima, a Senhora Sarra Copio Sullam Hebreia” (cfr. Modena 1619, p. 3).

¹⁵ Simone Luzzatto, nascido em Veneza, foi rabino nessa mesma cidade durante cinquenta e sete anos. Como Leon Modena, foi apreciado por suas grandes capacidades intelectuais e comunicativas, favorecendo o diálogo entre judeus e cristãos, a fim de mitigar manifestações de intolerância atizadas pela Contrarreforma. A importância de sua mediação é testemunhada por seus discursos e iniciativas, mas também pela atividade de tradutor do hebraico que desempenhava para as autoridades venezianas e por seus escritos — entre eles, há de ser lembrado o *Discorso circa il Stato de gl'Hebrei, et in particolare dimoranti nell'inclita Città di Venetia* [Discurso sobre o Estado dos Judeus, e, em especial, os que moram na ilustre Cidade de Veneza] (1638), composto para defender os judeus diante da ameaça de expulsão, mostrando sua utilidade para a economia veneziana. Alguns anos depois, publicou outro escrito que não passaria despercebido: *Socrate overo Dell'Humano Sapere: esercizio seriogiocoso di Simone Luzzatto Hebreo Venetiano* [Sócrates, ou seja, Do Saber Humano: exercício jocossério de Simone Luzzatto Hebreu Veneziano] (1651), expondo um pensamento que o distinguiria dentro do judaísmo como o único pensador cético durante o primeiro período da época moderna (sobre esse tema, ver a introdução de Veltri e Torbidoni à tradução inglesa desse escrito, cfr. Luzzatto 2019).

¹⁶ Há fontes que sugerem a data de 1580.

¹⁷ A notícia da morte de Sara Copia Sullam, ocorrida em 15 de fevereiro de 1641, é documentada no *Registro Morti 1627-1653*, do Arquivo da Comunidade Judaica de Veneza, e no *Registro «Necrologio Ebrei» del Magistrato dei Provveditori alla Sanità*, do Arquivo do Estado de Veneza; a poeta foi enterrada no Cemitério Hebraico de S. Nicolò, no Lido, e seu epitáfio foi composto pelo rabino Leon Modena. Se pela data de morte não existem discrepâncias, em relação à data de nascimento há mais de uma hipótese: Boccato escreve que Copia nasceu no final do século XVI (cfr. Boccato, 1974a, p. 171), propondo, alguns anos mais tarde, a data de 1592

Mulher judia educada nas mais variadas disciplinas, autora de importantes escritos em língua italiana de prosa e poesia, Sara Copia Sullam¹⁸ testemunhou as contradições de sua época: o caráter efervescente e dinâmico de sua cidade, mas também exclusão e ásperos conflitos. Mesmo representando um *unicum* na história do judaísmo e da literatura italiana, foi esquecida durante muito tempo, sendo lembrada esporadicamente pela posteridade sobretudo em relação aos peculiares acontecimentos de sua vida.

Em *O Jardim dos Finzi-Contini*,¹⁹ romance de Giorgio Bassani (1916-2000), o professor Ermanno faz menção a uma poeta do século XVII, do gueto de Veneza, autora de “ótimos sonetos”, *tanto nota, ai suoi tempi, quanto adesso, “purtroppo”, [...] dimenticata*²⁰; conta que ela organizou em sua casa um salão literário, frequentado também pelo rabino Modena, e manteve uma correspondência com o poeta Ansaldo Cebà.²¹ O nome citado é Sara Enriquez Avigdòr, mas não há dúvida de que se trate de Sara Copia Sullam, que, como diz o professor, foi “uma grande mulher: honra e glória do judaísmo italiano em plena Contrarreforma”.²²

(cfr. Boccato 1986, p. 191); Busetto fala de uma data entre 1588 e 1590 (Busetto 1983, pp. 582-584); Harrán, tomando como referência o registro de morte da autora (que, segundo o documento, teria morrido com quarenta anos de idade) sugere 1600 ou 1601. Para os estudos que propõem datas anteriores a 1592, remeto ao texto introdutório de Harrán (cfr. Harrán 2009, p. 15).

¹⁸ Numa época em que os usos gráficos ainda não haviam sido regularizados é muito comum encontrar formas diferentes para registrar o mesmo nome; esse é o caso de Sara Copia Sullam, pelo qual existem diversas variações: Sara ou Sarra, Copia ou Copio, Sulam ou Sullam. Em seu único texto publicado, o *Manifesto*, é registrada a forma “Sarra Copia Sulam” (cfr. Copia Sullam 1621, p. 1), utilizada também por Ansaldo Cebà em seu epistolário (cfr. Cebà 1623, p. 1); em seu texto de acusação, Baldassarre Bonifacio escreve “Sara Copia” (cfr. Bonifacio 1621a, p. 5) e no documento do *Registro Morti* se lê “Sara Copia Sullam”. Como no caso da poeta veneziana, também em relação ao nome do bispo de Koper encontram-se grafias diferentes: “Baldassare Bonifaccio”, forma registrada no *Discurso* (cfr. Bonifacio 1621a), e “Balsassarre Bonifacio”, grafia em geral utilizada pela historiografia e pela crítica.

¹⁹ Cfr. Bassani 2021, p. 172.

²⁰ “tão famosa em sua época quanto hoje, ‘infelizmente’, caída em esquecimento”. Tradução de Maurício Santana Dias (*ibidem*, p. 172).

²¹ Sara Copia Sullam instigou a curiosidade de vários poetas, pensadores e eruditos de seu tempo: Ansaldo Cebà (1565-1623), autor genovês bastante conhecido nos ambientes das letras italianas, em 1615 publicou *La Reina Ester* [A Rainha Ester], poema pelo qual Copia demonstrou particular apreço. A partir da discussão sobre esse texto, iniciou-se entre os dois uma correspondência destinada a durar por volta de quatro anos (1618-1622), contando, por parte de Cebà, cinquenta e três cartas. Os interesses que moviam a poeta veneziana e o erudito genovês eram diferentes: ela se sentia fascinada pelo poema e ao mesmo tempo intrigada pela figura do autor, homem douto e mais velho, que abertamente tentava seduzi-la; Cebà, por outro lado, demonstrando-se interlocutor galante e educado, às vezes insistente e ousado, queria sobretudo buscar visibilidade e prestígio. Durante esses quatro anos tentou inculcar nela a ideia de abandonar o judaísmo para abraçar a fé católica, insistindo no tema da conversão, que se tornou o fio condutor da correspondência e também o motivo pelo qual o poeta genovês decidiu encerrar bruscamente a troca de cartas, pois sua interlocutora não parecia minimamente inclinada a ceder, mostrando-se cada vez mais firme em sua crença. Essa relação existiu apenas em forma epistolar, já que os dois nunca chegaram a se conhecer pessoalmente.

²² Cfr. Bassani 2021, p. 172. Antes de Bassani, Sara Copia Sullam aparecera nas páginas de Giovanni Mario Crescimbeni (cfr. Crescimbeni 1711, p. 131-132.) e de Luisa Bergalli (cfr. Bergalli 1727, pp. 125-126.); mais tarde também Bartolommeo Gamba (cfr. Gamba 1832, pp. 251-265.) elogiaria a “valentíssima Judia”, publicando quase

De família veneziana abastada, Copia recebeu uma educação excepcional para uma menina daquela época, sendo bem poucas as mulheres, judias ou cristãs, que podiam ter acesso aos estudos. Sua mãe, Ricca (ou Rebecca), e seu pai, Simone, tiveram um papel fundamental em sua formação, dando-lhe a possibilidade de se aprofundar nas diversas áreas do saber e exortando-a a cultivar seus interesses. Poesia, filosofia grega, textos judaicos e da recente tradição europeia compunham seu repertório, mas havia também as ciências e a história, a música e as línguas²³ — pois, além do italiano e do dialeto dos judeus venezianos²⁴, conhecia a língua castelhana²⁵ e o francês,²⁶ lia o hebraico e muito provavelmente latim e grego.²⁷

Simone Copia era mercador e, junto com o irmão Mosè, era considerado um dos judeus mais ricos de Veneza²⁸ — os dois se dedicavam também àquela atividade que atualmente chamaríamos “seguro marítimo”²⁹; teve duas (ou três) filhas,³⁰ e, sem o herdeiro que esperava, decidiu depositar na primogênita suas expectativas, fazendo-a estudar com importantes mestres.³¹ É ao querido pai, falecido em 1606, que a filha dedica o *Manifesto* — *Al Signor Simon Copia, suo diletissimo genitore* —, desejando que sua obra pudesse deixá-lo orgulhoso como se fosse um homem a tê-la escrito.

Sara Copia casou-se com Giacobbe Sullam,³² banqueiro judeu de origem mantuana, que a respeitou e apoiou em suas iniciativas, como a dos saraus organizados na própria sala de estar. Dessas reuniões, que tornaram a poeta conhecida em toda a cidade, suscitando a curiosidade do público veneziano e forasteiro, costumavam participar poetas, artistas e filósofos, eclesiásticos e outras figuras de relevo; havia amigos e conhecidos que admiravam a anfitriã, mas também

integralmente seu *Manifesto*. Apesar dessas menções, Copia começou a ser lida com mais atenção só em época recente: estudos dedicados a sua vida e sua obra foram divulgados com mais frequência a partir dos anos 1970, destacando-se, em especial, as contribuições de Carla Boccato (Boccato 1973; 1974a; 1974b; 1980; 1986; 1987; 1988). Nos anos 2000, foram publicados dois volumes fundamentais: o de Umberto Fortis (cfr. Fortis 2003) e o de Don Harrán (cfr. Harrán 2009), que tornou Copia conhecida entre o público anglófono. Pesquisas mais recentes são a de Anna Ghiraldini, que transcreveu parte de um manuscrito anônimo transmitindo um importante episódio da vida da autora (cfr. Ghiraldini 2016), e a de Juan Aguilar González, que traduziu os escritos da autora veneziana para a língua espanhola, propondo também um estudo monográfico (cfr. Aguilar González 2019).

²³ Cfr. Boccato 1974a, p. 172; Harrán 2009, p. 33.

²⁴ *Ibidem*, p. 33.

²⁵ Sara Copia Sullam enviou ao poeta Ansaldo Cebà um soneto em castelhano — a familiaridade com esse idioma se explica também por sua origem sefardita — de um autor judeu desconhecido (cfr. Cebà 1623, p. 4). O poema foi transcrito na primeira carta do epistolário de Cebà (*ibidem*, pp. 4-5), que em resposta enviou outro soneto em língua castelhana.

²⁶ Cfr. Harrán 2009, p. 33.

²⁷ Boccato inclui o grego (Boccato 1974a, p. 172), mas outros autores, entre os quais Harrán, não o mencionam (cfr. Harrán 2009, p. 33).

²⁸ Cfr. Boccato 1974a, p. 172; Harrán 2009, p. 17.

²⁹ *Ibidem*, p. 17.

³⁰ Sobre essa questão, ver o texto de Harrán (*ibidem*, pp. 18-19).

³¹ Cfr. Fortis 2003, p. 34.

³² Segundo Harrán, em 1614 (*ibidem*, p. 19).

aqueles que a hostilizavam, como, por exemplo, Baldassarre Bonifacio (1585-1659), que se revelaria um de seus maiores opositores.

Bonifacio foi bispo, teólogo e homem de letras, autor de obras em italiano e latim, bastante famoso naquela época. Não se conhecem todas as vicissitudes que o levaram a publicar um texto tão violento acusando Cópia de não acreditar na imortalidade da alma, mas há registro de uma carta escrita pela poeta que o bispo tomou como prova irrefutável de seu argumento. Segundo Bonifacio, esse texto, datado 10 de janeiro de 1619, apresentaria especulações impróprias sobre a natureza da alma — cuja imortalidade não se confirmaria nas palavras de Cópia —, tema extremamente delicado e espinhoso, que tanto animava os salões europeus daquele período.

O ano de 1621 é decisivo: sai do prelo *Dell'immortalità dell'anima, Discorso di Baldassare Bonifaccio alla Signora Sara Cópia* [Da imortalidade da alma. Discurso de Baldassare Bonifaccio à Senhora Sara Cópia], tornando a poeta alvo de uma acusação gravíssima, que poderia prejudicá-la tanto diante da Inquisição quanto aos olhos da comunidade judaica. Dado o perigo, Cópia decide redigir uma resposta rápida e eficaz, não deixando espaço para dúvidas e novas ilações: é assim que nasce o *Manifesto*,³³ ato de defesa composto em poucos dias por meio do qual, de modo elegante e engenhoso, responde ao ataque, retirando toda a credibilidade de quem a havia caluniado. Bonifaccio rebate essa publicação com sua *Resposta*,³⁴ encerrando a troca entre os dois. Além do *Manifesto* não há notícia de nenhum outro texto que a autora tenha publicado.

Os encontros dedicados à poesia e às artes, à filosofia e à teologia constituíram para Cópia a oportunidade de estabelecer um diálogo para além das fronteiras do gueto; deram-lhe prestígio e notoriedade, mas ao mesmo tempo a expuseram a grandes riscos, chamando a atenção de quem via nela a ocasião de se exibir e buscar fama; foram uma maneira de se aproximar de um mundo pouco conhecido, admirado e almejado, do qual jamais poderia fazer parte: mulher e judia, encontrava-se duas vezes à margem de um universo masculino e cristão que não tinha interesse algum em integrá-la.

Sara Cópia Sullam morreu em 15 de fevereiro de 1641 (a data judaica é 5 de *adar* de 5401), com apenas uma obra publicada e alguns sonetos — ao todo, incluindo os do *Manifesto*,

³³ O título completo é *Manifesto di Sarra Cópia Sulam Hebraica nel quale è da lei riprovata, e detestata l'opinione negante l'Immortalità dell'Anima, falsamente attribuitale dal Sig. Baldassare Bonifaccio* [Manifesto de Sarra Cópia Sulam Hebraica, em que é por ela reprovada e detestada a opinião que nega a Imortalidade da Alma, a ela falsamente atribuída pelo Senhor Baldassare Bonifaccio] (cfr. Cópia Sullam 1621).

³⁴ O escrito é intitulado *Risposta al Manifesto della Signora Sara Cópia del Signor Baldassare Bonifaccio* [Resposta ao Manifesto da Senhora Sara Cópia do Senhor Baldassare Bonifaccio] (cfr. Bonifacio 1621b).

contam-se catorze³⁵ — transmitidos em escritos alheios ou anônimos.³⁶ Foi hostilizada em diversas ocasiões, seja por sua crença, considerada inferior e desviante, seja por sua condição feminina; acendeu a curiosidade de interlocutores que tentaram seduzi-la e convertê-la à fé católica (Ansaldo Cebà), roubaram sua casa e a enganaram (Numidio Paluzzi)³⁷, lançaram-lhe acusações públicas a fim de ultrajá-la (Baldassarre Bonifacio).

Antecipando em séculos a discussão sobre direitos, igualdade, liberdade de expressão e crença, o *Manifesto* se insere no panorama múltiplo e heterogêneo da literatura italiana escrita por mulheres entre o final do século XVI e o século XVII, período caracterizado pela ação repressiva da Contrarreforma, que causou também a diminuição da participação feminina nos ambientes públicos e no mundo das artes e do intelecto, mas que ao mesmo tempo viu surgir obras originais e variadas, marcando uma distância nítida em relação à tendência unitária do petrarquismo quinhentista.

Ato de defesa e testemunho pessoal, obra literária de solidez filosófica, o *Manifesto* é um escrito-chave para a história do judaísmo e das letras italianas, permitindo-nos adentrar um dos períodos mais complexos da história europeia a partir de uma nova perspectiva. Além de Sara Copia Sullam, hão de ser lembradas Moderata Fonte (1555-1592), Lucrezia Marinelli (1571-1653) e Arcangela Tarabotti (1604-1652), tratadistas venezianas que — em parte por iniciativa própria, mas sobretudo em resposta a textos acusatórios e misóginos — opuseram-se à hegemonia do poder masculino por meio da escrita.

³⁵ Cfr. Harrán 2009, p. 71.

³⁶ Há um manuscrito, o Cicogna 270 (*olim* 206) do Museu Correr de Veneza, chamado também *Codice di Giulia Soliga*, ou *Soliga*, (cfr. Boccato 1974b; Harrán 2009, p. 349), que contém um texto conhecido como *Avvisi di Parnaso* [Avisos do Parnaso], em que se narra o engano perpetrado por Numidio Paluzzi contra Sara Copia Sullam; nesse mesmo escrito, encontra-se também a encenação de um processo em defesa da autora. Não faltou quem atribuísse essa obra à mesma Copia, mas trata-se de um texto cuja autoria permanece anônima, remetendo a uma ou mais pessoas (*ibidem*, p. 4).

³⁷ Numidio Paluzzi (1567-1625) foi um escritor romano que participou dos salões de Copia e se tornou seu preceptor. Foi também quem se aproveitou de sua generosidade e se hospedou em sua casa, recebendo inúmeros auxílios, para depois cometer fraudes, furtos e calúnias contra ela, ajudado por outros cúmplices.

MANIFESTO
DE
SARRA COPIA
SULAM HEBREIA³⁸

Em que é por ela reprovada e detestada a opinião que nega a Imortalidade da Alma,
a ela falsamente atribuída pelo
SENHOR BALDASSARE BONIFACCIO.

COM LICENÇA DOS SUPERIORES.

EM VENEZA, MDCXXI.
Na oficina de Antonio Pinelli.

Ao leitor.

Eu posso acreditar, benévolos Leitores, que possa parecer coisa estranha que o meu Nome, de modo algum desconhecido nesta Cidade, ou fora, apareça pela primeira vez impresso em matéria tão diferente daquela que talvez se pudesse esperar de minha pena; mas outra coisa — tenha sido malignidade, ou simplicidade, ou negligência — forçou-me àquilo a que não me inclinaria facilmente em nenhuma outra ocasião, mesmo tendo algum empreendimento que poderia ver a luz, o qual, se não me engano, poderia ser visto mais de bom grado pelo mundo, e talvez mais apreciado, do que este. Digo que fui forçada a compor e expedir às pressas este breve escrito não com o objetivo ou o intuito de buscar glória, mas apenas para me defender de uma falsa calúnia lançada pelo Senhor Baldassarre Bonifaccio, que, em um discurso impresso nesses últimos tempos sobre a Imortalidade da Alma, diz afirmativamente que eu nego esta infalível verdade: que a Alma humana seja imortal, coisa tão distante da minha

³⁸ Esta tradução foi feita a partir da primeira publicação do *Manifesto*, datada 1621 (cfr. Cópia Sullam 1621). No texto original, que deixo transcrito no anexo, permanecem as peculiaridades gráficas e de pontuação presentes na versão impressa; na tradução decidi me utilizar dos critérios modernos de pontuação da língua portuguesa e, quando necessário, introduzi aspas, travessões e itálico, ausentes no texto em italiano — eventuais acréscimos aparecem entre colchetes. O uso das maiúsculas e das minúsculas remete, em geral, ao texto original, a não ser por algumas alterações indicadas nas notas. Para os sonetos proponho uma tradução poética, elaborada com o objetivo de reproduzir o sentido original e o estilo seiscentista, respeitando rima, métrica e ritmo.

opinião quanto se afasta de toda sua ciência a possibilidade de conhecer o que há dentro do coração. Nisso, não haveis de prometer-vos novidade de pensamento nem cópia de doutrina, primeiramente porque a minha fonte dela é escassa, ainda mais agora que me aborrece muito o esforço dos estudos, pois mal me recuperei de uma grave enfermidade, que longamente me manteve oprimida pelo perigo de morte, da qual creio que a Divina bondade teve o gosto de me preservar não por outra razão senão para que eu pudesse libertar a minha fama de tão grave mácula que me fora aprontada, pois minha morte não teria de modo algum considerado o Adversário [digno] da ambiciosa resolução pela qual durante quase dois anos se esforçara. Além disso, porque não convinha que me demorasse ou falasse longamente para rebater a ofensa, pelo medo do dano que podia sofrer. E, enfim, porque o fato em si não requeria outra doutrina senão a autenticidade da minha alma e daquele religioso afeto que devo a Deus e à lei que Ele³⁹ me deu, podendo todo judicioso intelecto por si só conhecer, ao ler aquele livro, o quão o Autor vai desafiando despropositadamente os outros em algo que ninguém, Hebreu ou Cristão, pode contradizer. Que então vos agrade, prezadíssimos Leitores, ver por simples curiosidade esta minha necessária defesa, e, como juízes justos e benévolos, absolvendo quem falsamente é acusado, removei de vossa presença o falso acusador e vivei felizes.

DEDICATÓRIA

Da Obra

AO SENHOR SIMON COPIA

Seu prezadíssimo Pai.

A dedicatória deste meu breve mas necessário empreendimento não podia convenientemente se dirigir senão a quem já deixou esta mortal vida, para que os mesmos efeitos correspondessem ao que na obra afirmo acreditar ser, sem dúvida alguma, o ser imortal das Almas. Por isso, a ti, Alma prezadíssima, que deste o ser àquele caro composto do qual fui gerada neste mundo, a ti, digo, Pai das minhas vísceras, que, embora despido do efêmero véu, entre espíritos viventes habitas e habitarás em eterno, eu quis oferecer esta pequena dádiva. Primeiramente porque, concedendo-te a Divina bondade ser partícipe das coisas daqui, possas acrescer tuas alegrias com aquela pouca fama adquirida que no meu nome talvez verás, por cuja

³⁹ Em minúsculo, no original.

razão penso que para ti não será menos caro ter gerado uma Mulher, a fim de conservar o teu nome, do que seria ter gerado um homem,⁴⁰ como nesta vida mostravas grandíssimo desejo. E também para dar-te algum indício da continuidade, que em mim perpetuamente se conserva, daquele amor inexprimível que por mim sempre nutriste. Então, desfruta por enquanto esta pequena fiança do afeto imenso de uma tua filha querida, de modo que, se eu puder esperar saúde e vida do mesmo modo como me é concedida alguma fecundidade das partes do engenho, viverá nisso vivamente expresso o teu nome não menos que o meu.

Senhor, por ti meu peito arde e incende,
E em holocausto o cor sempre se mira,
Sabes que honra frágil não é o que inspira
Minhas preces, nem meu pranto desprende.

Ah, põe em mim o teu olhar e entende
Quantos dardos a perfídia me atira;
O erro fosco à mente cega retira,
Que o ímpio ao justo assim já não ofende.

Bem sei que sou indigna de teu dom;
Mas alma feita à tua parecença
Fará com que de escudo já te movas.

Cesse da língua audaz fingido som,
E quem quiser cobri-la veja as provas
Do vigor que acha em ti a minha crença.

⁴⁰ “Mulher” e “homem” foram impressos no original respectivamente com letra maiúscula e minúscula.

Senhor, da tua escolta acompanhada
Chego à defesa onde o ultraje afia
O guerreiro que ataca e desconfia
D'alma que por teu favor é abrigada.

Sem arma entro em arenga inusitada,
Nem guerra urdo a quem me desafia
E se à tua piedade Deus me guia,
Travo assaltos no peito despojada.

E se de pó as armas já formaste
Para o grande Abraão contra os maus Reis
E assim deles fez memorável morte,

Renova em mim, 'inda que de outro aporte,
E a tinta que eu espalho faz que baste
A demonstrar de teu vigor as leis.

MANIFESTO
DE SARRA COPIA
Para o Senhor
BALDASSARE BONIFACCIO.

A Alma do homem, Senhor Baldassare, é incorruptível, imortal e divina, criada e infundida por DEUS em nosso corpo naquele tempo em que o arranjado se torna apto no ventre materno para recebê-la; e essa verdade é tão certa, infalível e indubitável dentro de mim, como acredito que seja dentro de cada Hebreu e Cristão, que o título do vosso Livro, ao qual grosseiramente vos dispusestes a fim de discorrer sobre tal assunto, fez-me lembrar do ditado daquele galante Romano, que, sendo convidado para ouvir uma oração em louvor a Hércules, disse: *ecquis Herculem vituperat?*⁴¹, e, imitando isso, eu também disse: para que se precisa agora — e sobretudo em Veneza — desse tratado, e para que imprimir entre os Cristãos essas matérias? Mas quando, em seguida, lendo logo abaixo, descobri que o discurso era dirigido a mim, com a falsíssima suposição de que eu seja aquela que tem opinião contrária à clareza dessa verdade, não poderia não ter grandíssimo estupor e ao mesmo tempo desdém pela calúnia, demasiado audaciosa, que de modo afirmativo e sem reserva alguma me lançais, como se fôsseis perscrutador dos corações humanos e entendêsseis o íntimo da minha alma, conhecida só por Deus. Mesmo que em alguma fala eu vos tenha causado alguma dificuldade Filosófica ou Teológica, isso não foi por causa de dúvida ou vacilação que em algum momento tive em minha fé, mas apenas pela curiosidade de entender de vós, com a solução dos meus argumentos, alguma doutrina curiosa e peregrina, estimando que isso se conceda a todas as pessoas que se dedicam aos estudos, e não menos a uma Mulher, uma mulher Hebreia, a qual é continuamente posta nestes discursos por pessoas que se esforçam por reduzi-la, como vós sabeis, à fé Cristã.

Desconsiderada foi, então, sem dúvida alguma, a vossa calúnia, e eu poderia, conforme seu argumento, com outras defesas que não as da pena torná-la ressentimento, podendo o vosso Livro receber também querela de libelo famoso, mas a piedade da minha lei me torna piedosa da vossa simplicidade, a qual vos fez crer que poderíeis adquirir fama imortal ao tratar da imortalidade da alma, e, não tendo nenhuma ocasião pronta, vós mesmo a simulastes. Porém, ao invés de correr outros riscos, dispus-me, com este breve empreendimento de dois dias, a demolir o que urdistes contra mim

⁴¹ Em sua *Resposta*, Bonifacio diz que na verdade não se trata de um romano mas de Antálcidas, rei espartano do IV século a.C. (cfr. Harrán 2009, p. 317, nota 23). Esta frase, atribuída a Antálcidas por Plutarco, integra a versão latina de *Apotegmas de reis e imperadores: Sophistae cuidam laudationem Herculis recitare volenti, Quis enim, inquit, eum vituperat?* [A um sofista querendo declamar o louvor de Hércules, pergunta: “Então, quem o critica?”].

com as inúteis vigílias de quase dois anos, fazendo constar publicamente ao Mundo, por meio deste Escrito, que falsíssima, injusta e alheia a qualquer razão é a imputação feita contra mim em vosso discurso, a de negar a imortalidade da alma. Isso será apenas para me justificar e me tornar clara diante de todos aqueles que, sem me conhecer, poderiam dar algum crédito à vossa acusação, devido à Religião que professo, pois de resto deixo ao julgamento de qualquer pessoa de inteligência medíocre o quanto eu seja apta a tirar ou dar fama à vossa pena, mesmo que para retirar qualquer dúvida sobre minha opinião a esse propósito devesse bastar o preservar-me Hebreia, porque se acreditasse [nisso], como dizeis, e se não temesse perder a felicidade da outra vida, não haveriam faltado ocasiões, com a mudança da lei, de melhorar o meu estado, fato conhecido por pessoas de grande autoridade, que assiduamente o procuraram e tentaram.

Mas agora que com estas poucas linhas creio ter apagado suficientemente aquela nota de impiedade, que talvez desconsideradamente quisestes dar ao meu nome, quero que me façais o favor de discorrermos sobre esse argumento um pouco mais livre e familiarmente. Dizei-me, então, Senhor Baldassare, por favor, o que vos moveu a fazer aquele Tratado, a imprimi-lo e a emaranhar nele o meu nome. Dizeis com os versos de Virgílio que Deus vos elegeu para isso. Arrogância verdadeiramente grande. Então não tinha o Senhor Deus para matéria tão sublime e tão importante engenho mais elevado e ministro mais douto do que vós? Só a vós escolheu na fileira de todos os letrados como apto a tratar digno assunto? Se a imortalidade tivesse de ser inserida nas almas não com outra força que a das razões humanas, certamente se encontraria mal provida se não tivesse outras razões além das vossas, as quais, apesar de terem sido extraídas de Autores doutos, foram, porém, mal entendidas e ainda pior citadas; e o tratar de maneira inconsistente assuntos tão importantes é revigorar as razões adversas. Poderíeis dizer-me que Deus frequentemente se serve de meios baixos e vis para operar grandes coisas, para mostrar, ainda mais, sua onipotência, e que até a jumenta de Balaão uma vez falou⁴². É verdade, mas, nesses casos, os efeitos mesmos revelaram-se divinos e a vileza dos instrumentos não os prejudicou de modo algum. Vós, que estultamente quisestes profetar por vós mesmo, sem outra inspiração que não a de uma excessiva arrogância, mostrastes nos efeitos a vossa crassíssima ignorância ao invés de alguma maravilhosa virtude divina, onde podíeis, em lugar dos versos de Virgílio, apropriar-vos dos de Dante:

*No meio do caminho desta vida
me descobri em uma selva escura,
pois a direita via era perdida.*⁴³

⁴² Cfr. *Números*, 22:28.

⁴³ Tradução de França de Brito, Santana Dias e Falleiros Heise (cfr. França de Brito, Santana Dias e Falleiros Heise 2021, p. 45).

Poderíeis também dizer que o estado de Sacerdote e de pessoa exemplar em que vos encontrais leva a aproveitar todas as ocasiões que se apresentam de obter benefício por meio da doutrina e de ações para o próximo. Ah, Senhor Bonifaccio, ainda que zelo religioso vos movesse, mesmo assim, não convinha presumir além do que vossas forças comportavam.

*Quando escreverem, procurem sempre justa matéria
para as próprias forças, ponderem em quanto recusam,
quando sustentam os ombros. [...] ⁴⁴*

E o que segue.

Tratardes vós da alma? Vós, da imortalidade? A matéria mais difícil e árdua que a Filosofia possuía, a qual poderia ficar em alguma parte emaranhada se não houvesse a ajuda da Teologia; sabeis também, em vossa consciência, que não sois nem Filósofo nem Teólogo e, se não me engano, de vossa boca ouvi dizer que tais ciências não são de vossa profissão e, contudo, tão audaciosamente quisestes meter a mão na massa a respeito de matéria tão elevada! E vos assegurastes de imprimir vossos discursos com título tão sublime! Do modo como aparentais fazer grandes reflexões sobre aquela famosa frase, “Conhece-te a ti mesmo”, deveis saber também que na *Poética*, caso a tenhais visto alguma vez, Horácio diz:

Só o saber é fonte e princípio da escrita correta ⁴⁵

traduzido por Dolce, pois a verdadeira glória não se busca com a ostentação, mas com o empenho. Frase do mesmo Autor:

*Quem se empenha por alcançar a meta almejada
muito sofria desde menino, suando e gelando⁴⁶*

⁴⁴ A autora transcreve os versos da *Ars poetica* de Horácio, traduzidos por Lodovico Dolce (1508-1568) e publicados pela primeira vez em 1535, pelos tipos de Francesco Bindoni e Mapheo Pasini (Veneza-Roma); a tradução, dedicada a Pietro Aretino, seria publicada novamente em 1536. Dolce foi um importante literato veneziano, autor de textos em prosa e poesia; cultivou diversos interesses, escrevendo também sobre a língua italiana e a pintura, e destacou-se como tradutor. Para a tradução dos fragmentos citados por Cópia, remeto ao trabalho de Guilherme Gontijo Flores (cfr. Flores 2020); esse primeiro trecho corresponde aos versos 38-40 (cfr. Flores 2020, p. 45).

⁴⁵ V. 309 (*ibidem*, p. 61).

⁴⁶ Vv. 412-413 (*ibidem*, p. 69).

Mas o que importa é que em vós pode também aquela pestífera opinião:

*Não satisfaz dizer: “Componho poemas incríveis;
quero que a sarna assanhe o último; e sinto vergonha
quando fico pra trás ou confesso o que nunca aprendera.”*⁴⁷

Pelo menos nisso devíeis tomar o exemplo de Aristóteles, para o qual quase não foi suficiente o intuito de fazer-se entender abertamente em tal matéria. Eu, de minha parte, não vos falo desse modo achando-me a mestra ou a Filósofa que vos ensina, como me dizeis por escárnio quando vos comportais como um Pedante, pois confesso ser muito mais ignorante do que vós nessa ciência, mas para referir o que ouço de todos os que veem o vosso livro.

Requer-se mais, meu Senhor, do que o título de *Iuris utriusque Doctor*⁴⁸ para tratar da imortalidade da alma; mas para que vos deis conta da pouca prática que tendes, seja das escrituras que cabem ao Teólogo, seja das razões que cabem ao Filósofo, é suficiente recordar a mesma calúnia que me lançastes a princípio, na qual, supondo-se falsamente que eu negue a imortalidade, dizeis que só eu entre os Hebreus, após muitos milhares de anos, caí em tal erro, coisa pela qual, ainda que não tenhais visto as outras escrituras e Flávio Josefo Historiador⁴⁹ referindo as várias opiniões sobre a Nação Hebraica, desculpo-vos. Não vos desculpo, porém, por não terdes pensado no Evangelho da vossa Fé, pois teríeis lembrado de que em São Mateus, capítulo 22, os Saduceus — uma parte dos Hebreus que negava a imortalidade da alma — foram causar dificuldade mesmo a Cristo, que respondeu sabiamente, deixando em silêncio suas interrogações. Acrescentais também que nego a fé do infalível quirógrafo que Deus escreveu de próprio punho; não sei qual outro quirógrafo se encontre nas Sagradas Escrituras escrito pelo punho de Deus além do Decálogo, ao qual não apenas adiro com a fé, mas também com as minhas obras, por quanto possa. Se vós tiverdes alguma outra escritura feita pelo punho de Deus sobre a imortalidade, gostaria de vê-la. Mas vejamos quão bem e com que prática da língua e da escritura Hebraicas utilizastes também o termo *Ruach*, a fim de constituir argumento para vosso propósito. Dizeis que nas Sagradas Escrituras essa palavra significa propriamente a mente Humana, a Angélica e a Divina; aqui poderia pedir rigorosíssima satisfação sobre tal interpretação, se falastes por vós mesmo, mas, por saber que nunca vistes a língua Hebraica e que isso foi soprado por outros em vossa zarabatana, direi apenas que com isso claramente dais a entender que também todas as outras coisas que dissestes, preocupastes-vos de dizê-las sem entender. Pelo menos em

⁴⁷ Vv. 416-418 (*ibidem*, p. 69).

⁴⁸ Com essa expressão latina, indica-se a qualidade de “Doutor em ambos os direitos”, ou seja, o direito civil e o canônico.

⁴⁹ Flávio Josefo (37-100 d.C.) foi um historiador judeu fariseu; documentou parte da história judaica, relatando também a destruição do Segundo Templo de Jerusalém (70 d.C.) por mão de Tito.

relação a esse detalhe, falando com uma Hebreia, devíeis fazer-vos instruir por alguém que melhor entenda a propriedade da língua, já que *Ruach* outra coisa de sua propriedade não significa senão o ar, o vento e o fôlego por meio do qual respiramos; nisso pode-se ver quão bem cabe vossa consequência, quando com essa palavra quereis provar que a alma é absolutamente incorpórea e imaterial, apesar de que, querendo de toda maneira encontrar aquilo que naquele trecho concluí, seja necessária outra lógica que a de Aristóteles.

Para além disso, das razões que cabem ao Filósofo, o quanto sejais inteligente veja-se no mesmo belo início, onde dizeis que Lucrécio chama indevidamente Epicuro, o qual negava a imortalidade da alma, “Sol dos Filósofos”, e dizeis a mim, acreditando que tenha a mesma opinião, que devidamente me convém o nome “Lua das Filósofas”, e qual seja a proporção dessa razão deixo que o considere quem lê, apesar de acreditar que pusestes aquela comparação com o objetivo de zombar insipidamente, como em outro trecho, quando afirmais que a corrupção não se faz sem movimento, coisa que prejudica do mesmo modo a gravidade da matéria tratada e a modéstia que convém à vossa condição e à vossa profissão de Religioso. Nem posso deixar de notar também outro trecho, para mim tão digno de riso, quanto vós o tornais de compaixão, na décima folha do vosso Livro, ao final, onde dizeis: “Quisesse DEUS que mais pelas burlas do que pelo bom senso alguém morresse”, maneira de falar que exprime o vosso desejo, que seria o de não morrer, mesmo julgando a alma imortal! Eh, Senhor Bonifaccio, que jogo estamos jogando? Acreditais firmemente no que pregais ou não? Se a alma com a separação do corpo adquire melhor condição de ser, como vós provais e como é certo, por que, então, postergais, de má vontade, este estado àquele, fato do qual deriva o vosso maior afeto pela presente vida do que pela outra? É no entanto vosso o argumento na folha número 14, segundo o qual a morte, a partir de justa razão, às vezes há de ser desejada e preposta à vida, sobretudo pelas ações da fortaleza e das outras virtudes, como apresentais nos exemplos e na autoridade de Aristóteles. Dai-vos conta de que essa contradição é mau sinal.

Se para mim não fosse uma digressão, mostraria muitas dessas tolices e trechos contraditórios, de modo que nenhuma de vossas proposições sobraria intacta, mas isso está fora do meu intuito, porque não gostaria que alguém pudesse crer que, ao combater as vossas razões, eu me opusesse de alguma forma à verdade da vossa conclusão. Para mostrar [outras coisas] além dos defeitos e das imperfeições de vossa escrita, de outro volume precisaria e não de breve folha, não tendo ela nada de bom, a não ser a causa que defende; de resto, está tão cheia de falsa intelecção, de termos distorcidos e sentidos de escrita mal entendidos, de falsas formas de silogismos, de conexões ruins e estranhas passagens de uma matéria para outra, de despropositadas citações de Autores e, enfim, de erros de língua, de modo que ninguém pode continuar a leitura sem dar algum título ao compositor.

Até agora, porém, não descobrimos a causa que vos levara a iniciar tão notável empreendimento; não posso acreditar que tenha sido malignidade, porque a esse respeito parece que me asseguram vossa amizade e vossa agradável natureza. Poderia, talvez, dizer-se que foi justamente o não saber, lembrando-me de ter lido isto no *Galateo*⁵⁰, que entre as incivildades que cometem os homens uma é o querer fazer ostentação de si naquilo que nem se faz bem; porém, diz este, encontram-se muitos que, não sabendo cantar ou tendo voz feia, sempre prorrompem em alguma cantilena enquanto estão conversando; e aqueles que não sabem dançar sempre querem se fazer de ágeis e graciosos nos movimentos, o que se pode acreditar que façam para ser considerados experientes naquilo em que têm consciência de ser mais ignorantes, e não se dão conta de que não só crescem a opinião de sua ignorância, mas estragam a conversa. A esse propósito, pode-se aplicar também o exemplo daqueles que, tendo alguma parte defeituosa, sempre tentam adorná-la com roupa exuberante, como o que, tendo pernas tortas, tenta vestir sempre meias de cores exuberantes, como se quisesse que a beleza externa compensasse o defeito interno, e não se dá conta de que nessa guisa se torna ainda mais visível o defeito, instigando os olhos de quem observa a prestar atenção. Caso desse movimento tenha tido origem vossa obra, Senhor Baldassare, deixo julgar a vós mesmo se isso deveria ser submetido à disciplina do *Galateo*.

Ora, sem continuar a esforçar o pensamento investigando outras razões, desta vez animo-me a adivinhar a verdadeira, e sei que a confessareis livremente: nada vos induziu a cumprir empreendimento tão longo e vão, senão aquela vã e pequena ambição que vos faz correr de bom grado para o prelo, acreditando que a fama consista em exibir muitos volumes, sem considerar a importância que a eles dá o Mundo, que acredito que por experiência saibais quanto mal se satisfaz com coisas mediocrementemente boas, para não dizer com as grosseiras e estultamente compostas; porém, a não correr tão facilmente para o prelo nos advertiu a mesma *Poética* de Horácio:

*[...] censurem todo canto que nunca
toma muitos dias e muitas rasuras, enquanto
não se tiver corrigido dez vezes ao corte das unhas.*⁵¹

[Por] tudo isso, pela dita razão, compadeço-me do vosso ânimo, que cobiçoso de glória vai, por assim dizer, mendigando-a por diversos caminhos, satisfazendo-se com a fumaça onde não pode ter

⁵⁰ *Galateo ou Dos Costumes* é um importante tratado escrito por Giovanni Della Casa (1503-1556) e publicado póstumo (1558), em que se definem as regras de comportamento e os bons costumes aos quais a alta sociedade deveria se ater.

⁵¹ Vv. 292-294 (*ibidem*, p. 61).

a luz, pois a vã, imoderada sede de glória induziu também Empédocles a atirar-se na voragem do Etna:⁵²

*[...] Empédocles quis ser
tido por deus imortal e frio pulou no fervente
Etna. [...] ⁵³*

Mas por tão belo pensamento com que objetivo desafiar uma mulher? E uma Mulher que, apesar de se dedicar aos estudos, contudo não possui esses conhecimentos por profissão. Precisava, para mostrar-se intrépido e valoroso, desafiar os Empédocles, os Anaxágoras, os Epicuros, os Aristóteles, os Alexandres de Afrodísias, os Averróis, e, já que a eles não é concedido ir onde está vosso domicílio, ir visitá-los em seus próprios cercados, de modo que com a mesma facilidade talvez tivessem desmentido o vosso orgulho, sendo tão pouca a modéstia com que de alguns deles falais mal, chamando-os também de Porcos. Mas, pelo que vejo, vós quisestes ser, por assim dizer, bom só nas palavras, porque não só aparecestes num cercado onde não há quem contradiga a vossa querela, mas onde, mesmo havendo quem a contradiga — o que não acredito —, não é concedido o campo franco. Se for assim, ó valoroso fiador das mulheres, o campo é todo vosso: passeai nele mui altivo, vibrando os golpes pelo ar, ó valoroso campeão, ó generoso guerreiro, e, sem que se ouça outro estrondo que o da vossa rouca Trompa, gritai por vós mesmo “vitória, vitória” e, ainda que ao som destas minhas breves palavras vos parecerá talvez ter arranjado algum invento que dê início a um novo torneio, replico-vos, como acima afirmei, que esta não é uma declaração em resposta ao vosso desafio, mas um simples manifesto para me desculpar por não ter comparecido, não havendo razão de combate onde não há contrariedade de opiniões, nem nas palavras, nem nos fatos. Por mim podeis depor todas as armas, e, caso me provoqueis de novo com mil injúrias, não quero mais rebater com réplica alguma para não gastar inutilmente tempo, sobretudo por eu ser tão avessa a submeter-me aos olhos do mundo por meio de publicações, coisa que vós pareceis desejar. Vivei feliz e esperai que aquela imortalidade que pregais vos seja favorável, se viverdes observando a vossa lei Cristã, assim como eu afirmo ser da minha Judaica.

Ora, já que para terminar o vosso discurso de modo agradável e deleitoso acrescentais a cantilena de um Soneto a fim de mostrar-vos com efeito aquele Orfeu com a cítara na mão, que na

⁵² Sobre a morte de Empédocles, filósofo grego do V século a.C., existem diversas lendas: segundo a mais famosa, o filósofo teria morrido suicida, atirando-se na cratera do Etna.

⁵³ Vv. 464-466 (*ibidem*, p. 71).

mesma obra presumis ser suficiente para sacar uma jovem Eurídice do Inferno, eu, para comparecer na Cena com essa parte que me dais, farei um contraponto com o vosso canto, sem, porém, dar-vos o incômodo de irdes ao Reino das Sombras, já que me encontrais naquele da luz.

Soneto do Senhor Baldassare Bonifaccio.

Para Sarra Cópia Sulam.

Sarra, a tua beldade assim audaz,
Que enoja entre as primeiras ser segunda,
É porém mais caduca que fecunda,
É porém mais que o vento tão fugaz.

E, pudesse dizer, mas com tua paz,
O que a beleza em si oculta, tumba
Diria que ela é, onde alma imunda
De culpa original sepulta jaz.

Eis a culpa de onde o golpe saiu,
A que a forma imortal de vida priva,
E a que de DEUS o semblante traiu.

Corre, corre à fonte, dela deriva
A vida: Christo, esse Anjo tão pio,
Com seu sangue filhos mortos aviva.

Resposta de Sarra Cópia Sulam.

Bem sei que a beleza que ao mundo apraz,
É flor fugaz, de orgulho tão fecunda,
Mas da frágil veste que me circunda,
Qual seja, 'stima em mim a alma não faz.

Mais nobre querer meu peito desfaz,
Baldassare, com sede que me afunda;
A fonte busco onde a corrente inunda
Os nomes doutros com fama veraz.

Não busque uma outra Fonte ou outro Rio
Quem quer deixar imortalmente viva
A memória ao mundo de seu feitio.

No Céu beata a alma assim reviva
E onda, banhe-me rosto e peito a fio,
Que de lágrimas não serei esquiva.

Da mesma. Soneto para a Alma humana.

Ó, de vida mortal forma divina,
E das obras de Deus sublime intento
Em que expõe seu poder e seu alento,
E Rainha te faz do que origina.

Mente que homem informas, em que confina
Mortal com imortal, teu elemento
É essência prima, de imo fundamento
Voas até onde o Céu a ti se inclina.

Cesse agora, surpreso ao sondar-te,
Pensar que corre por fugazes feitos,
Que só junto de Deus vás a encontrar-te,

E para nutrir os Humanos peitos,
Basta saber que estão para cuidar-te
e servir-te os mesmos Anjos eleitos.

MANIFESTO⁵⁴
DI
SARRA COPIA
SULAM HEBREA

Nel quale è da lei riprovata, e detestata l'opinione negante l'Immortalità dell'Anima,
falsamente attribuitale dal
SIG. BALDASSARE BONIFACCIO.

CON LICENZA DE' SUPERIORI.

IN VENEZIA, MDCXXI.
Appresso Antonio Pinelli.

A chi legge.

Posso creder, benigni Lettori, che sia per parervi cosa strana, che il mio Nome, non affatto ignoto in questa Città, ne fuori, comparisca la prima volta alle stampe in materia assai diversa da quella, che poteva forse esser aspettata dalla mia penna; mà l'altrui, o sia stata malignità, ò semplicità, ò trascuratezza, mi hà necessitata a quello, a che non ero per movermi facilmente per qual si voglia occasione, ancorche io mi ritrovi qualche fatica da poter mandar alla luce, la quale, se io non fallo, potrebbe dal mondo esser più volentieri veduta, e forse più gradita di questa; Dico che sono stata astretta a comporre, e dar fuori frettolosamente questa breve scrittura, non con fine, ò pensiero alcuno di procacciarmi gloria, ma solo per defendermi da una falsa calunnia datami dal Sig. Baldassarre Bonifaccio, il quale, in un suo discorso stampato ultimamente dell'Immortalità dell'Anima, dice affirmativamente che io nego quest'infallibile verità, che l'Anima humana sia immortale: cosa tanto lontana dalla mia opinione, quanto è lontano da ogni sua scienza il poter sapere l'interno de cuori; onde non dovete promettervi novità di pensieri, ne copia de dottrina; prima perche il mio fonte ne è scarso, massime hora che mi è molestissima la fatica degli studij, per esser

⁵⁴ Apresento o texto original do *Manifesto*, transcrito a partir da publicação de 1621. Optei por uma transcrição o mais próxima possível do original, incluindo, em certos casos, algumas alterações. O uso da pontuação, do itálico e do redondo, bem como os acentos, as apóstrofes e as maiúsculas remetem a essa primeira publicação; para transcrever os caracteres hoje em desuso fiz algumas modificações: substituí “&” e “ß” respectivamente por “e” e “ss”, diferenciando também o uso dos grafemas u (/u/) e v (/v/).

a pena risorta da una grave infirmità, che lungamente mi ha tenuta oppressa con pericolo di morte, dalla quale non per altro credo che la Divina bontà sia sia⁵⁵ compiaciuta preservarmi, che perche io potessi liberar la mia fama da una sì grave macchia, che mi si era preparata; poiche la mia morte non haverebbe punto ritenuto l'Aversario dall'ambitiosa resolutione, per la quale quasi due anni si è affaticato: Poi perche non conveniva che io interponessi dilatione di tempo, ne longhe dicerie a ributtar l'offesa, per lo pericolo del danno che poteva risultarmene. E finalmente, perche il fatto stesso non richiedeva altra dottrina, che la sinceratione dell'animo mio, e di quel religioso affetto, che io devo a Dio, e alla legge che egli mi hà data, potendo nel resto ogni giudicioso intelletto per se stesso conoscere, in leggendo quel libro, quanto spropositamente l'Autore vada disfidando altri in cosa, alla quale a nessuno ò Hebreo, ò Christiano è lecito di contradire; Piacciavi dunque cortesissimi Lettori, di veder per semplice curiosità, questa mia necessaria difesa e, come giusti, e benigni giudici, assolvendo chi falsamente viene accusato, rimuovete dalla vostra presenza il falso accusatore, e vivete lieti.

DEDICATIONE

Dell'Opera

AL SIGNOR SIMON COPIA

Suo diletteissimo Genitore.

La Dedicazione di questa mia breve, ma necessaria fatica, non poteva convenevolmente esser diretta, se non a chi hà fatto passaggio da questa mortal vita, accioche gl'effetti stessi corrispondessero a quel che nell'opera affermo di credere indubitatamente l'essere immortale dell'Anime; Onde a tè, Anima diletteissima, che desti l'essere a quel caro composto, da cui fui generata in questo mondo: a te dico mio svisceratissimo Genitore, che benche spogliato del caduco velo tra spirti viventi dimori, e dimorerai in eterno, hò voluto io far questo picciolo dono; Primieramente perche concedendoti la Divina bontà di essere partecipe delle cose di quà, possi accrescer le tue gioie, con quel poco acquisto di fama, che nel mio nome forse vedrai, per la qual cagione penso non ti sarà men caro haver prodotto una Donna, per conservazione del tuo nome, al mondo, di quel che ti sarebbe stato l'haver prodotto un'huomo, come in questa vita mostravi estremo desiderio; E poi anco per darti qualche segno della continuatione, che in me perpetuamente si conserva di quell'inespressibile amore, che sempre mi

⁵⁵ Si sia.

portasti. Godi dunque per hora questa picciola caparra dell'affetto immenso di una tua diletta figliola, che se mi sarà concesso poter sperar salute, e vita, come mi è conceduta alcuna fecondità de 'parti dell'ingegno, vivrà in essi vivamente espresso, non meno il tuo, che il mio nome.

Signor, che dal mio petto arderti avanti
Mai sempre scorgi in holocausto il core,
E sai ch'altro desio, che frale honore
M'instiga a porger preghi, a versar pianti.

Deh volgi in me il tuo sguardo, e mira quanti
Strali m'avventa il perfido livore,
Sgombra da cieche menti il fosco errore
Nè d'oltraggiar il ver l'empio si vanti.

Ben sò ch'indegna di tue gratie io sono;
Ma l'alma che formasti a tua sembianza
Fia ch'ad esserle scudo ogn'hor ti mova.

Cessi d'audace lingua il falso suono,
E chi adombrarla vuol scorga per prova,
Che la mia fede ha in tè ferma possanza.

Con la tua scorta, ecco, Signor, m'accingo
A la difesa, ove m'oltraggia, e sgrida,
Guerrier, che ardisce querelar d'infida,
L'alma che, tua mercè, di fede i cingo.

Entro senz'armi in non usato aringo,
Ne guerra io prendo contra chi mi sfida,
Ma, perche tua pietà mio Dio m'affida,
Col petto ignudo i colpi suoi respingo.

Che se di polve già l'armi formasti
Al grand'Abram, contra i nemici Regi
Sì ch'ei di lor fè memorando scempio.

Rinova in me, bench'inequal l'esempio,
E l'inchiostro ch'io spargo fà c'hor basti,
A dimostrar di tua possanza i pregi.

MANIFESTO
DI SARRA COPIA
Al Signor
BALDASSARE BONIFACCIO.

L'Anima dell'huomo, Signor Baldassare, è incorruttibile, immortale, e divina, creata e infusa da DIO nel nostro corpo, in quel tempo, che l'organizzato è reso habile nel ventre materno a poterla ricevere: e questa verità è così certa, infallibile, e indubitata appresso di mè, come credo sia appresso ogn'Hebreo, e Christiano, che il titolo del vostro Libro, dove vi siete accinto in farsetto a discorrer di tal materia, mi ha fatto sovvenire il detto di quel galante Romano, il quale essendo invitato a voler andar ad ascoltare una oratione in lode di Hercole, disse, *ecquis Herculem vituperat?* E a tale imitatione, dissi anch'io, che bisogno vi è hora, e massime in Vinegia di tal trattato, e a che proposito stamparsi tra Christiani simili materie? Ma quando poi leggendo più a basso trovai, che il discorso era à me diretto, con falsissima suppositione, che io sia quella che habbia contraria opinione alla chiarezza di tal verità, non potei non prendere grandissima ammiratione, e sdegno insieme della troppo audace calunnia che assertivamente, e senza alcuna eccectione mi date; quasi che voi siate perscrutatore de cuori humani, e sappiate l'intimo del mio animo, solo a Dio noto; che se pure in alcun discorso io vi hò promossa alcuna difficoltà Filosofica, o Teologica, ciò non è stato per dubio, o vacillamento, che io habbia mai havuto nella mia fede; ma solo per curiosità d'intender da voi, con la soluzione de miei argomenti, qualche curiosa, e peregrina dottrina; stimando ciò esser concesso ad ogni persona che professi studij, non che ad una Donna, e donna Hebreo, la quale continuamente vien posta in questi discorsi da persone, che si affaticano di ridurla, come voi sapete, alla Christiana fede.

Inconsiderata dunque è stata senza dubio la vostra calunnia, e io haverei potuto, conforme al merito di essa, con altre difese, che con quella della penna farne resentment, potendo il vostro Libro ricever anco querela di libello famoso; ma la pietà della mia legge mi fà pietosa della vostra semplicità, la quale vi hà fatto credere di farvi immortale di fama, con trattar dell'immortalità dell'anima, e non havendone alcuna pronta occasione ve l'havete finta da voi stesso: E però in vece di venire ad altri cimenti, mi sono disposta, con la breve fatica di due giorni atterrar quanto da voi mi è stato machinato contra, con l'inutili vigilie, quasi di due anni, facendo costare pubblicamente al Mondo, per mezzo della presente Scrittura, che falsissima, ingiusta, e fuori di ogni ragione è l'imputatione da voi datami nel vostro discorso, che da me sia negata l'immortalità dell'anima; il che sarà solo per giustificarmi, e sincerarmi appresso tutti coloro, li quali non conoscendomi potessero dar qualche credenza alla

vostra accusa, in quanto appartiene alla Religione che io professo; che nel resto lascio al giudizio di qual si voglia persona di mediocre intelligenza quanto sia atta a poter torre ne dar fama la vostra penna; benché a rimuovere ogni dubbio della mia opinione in questo, dovrebbe bastare il mio preservarmi Hebraica, perché quando io credessi, come voi dite, e non temessi di perder la felicità dell'altra vita, non mi sarebbero mancate occasioni, col cangiar legge, di migliorar il mio stato: cosa nota a persone di molta autorità, che l'hanno istantemente procurato e tentato.

Ma hora che con queste poche linee, credo haver cancellata a bastanza quella nota d'impietà che forse inconsideratamente havete preteso dare al mio nome, desidero mi facciate piacere, che discorriamo tra noi in questo proposito un poco più alla libera, e familiarmente. Ditemi dunque di gratia Signor Baldassarre, che cosa vi ha mosso a far quel Trattato, a stamparlo, e ad imbrogliarvi il mio nome. Voi dite con i versi di Virgilio, che Dio vi ha eletto a questo. Grand'arroganza veramente, dunque non haveva il Signor Iddio per materia sì sublime, e sì importante un'ingegno più elevato e un ministro più dotto di voi, voi solo ha scielto fra la schiera di tutti i litterati per atto a trattar sì degno soggetto: se l'immortalità dovesse esser inserta ne gl'animi, non con altra forza, che d'humane ragioni, mal fornita al sicuro si troverebbe se non havesse altre ragioni, che le vostre, le quali, benché da voi siano state cavate da dotti Autori, sono però state male intese, e peggio riportate, e il trattar debolmente materie tanto importanti è un invigorire le ragioni averse. Potreste dirmi, che spesso Dio si serve di mezzi bassi, e vili ad oprar cose grandi, per maggiormente far costare la sua onnipotenza, e che fino all'Asino di Balaam una volta parlò: è vero, ma in tali casi gl'effetti stessi sono apparsi divini, e la viltà de gl'istrumenti non ha loro punto pregiudicato: voi che scioccamente havete preteso di profetar da voi stesso senza altra inspiratione, che di una troppa arroganza, havete mostrato ne gl'effetti la vostra crassissima ignoranza più tosto, che alcuna maravigliosa virtù divina: onde potevate, in vece de 'versi di Virgilio appropriarvi quei di Dante:

*Nel mezo del camin di nostra vita
Mi ritrovai per una selva oscura,
Che la dritta via havea smarrita.*

Potresti anco dire che lo stato, in che vi ritrovate di Sacerdote, e di persona esemplare vi spinge a prender tutte l'occasioni, che vi si presentano di giovare, con la dottrina, e con le opere al prossimo: Ah, Signor Bonifaccio, quando anco zelo religioso vi havesse mosso, non conveniva però, che presumeste più oltre di quello, che le vostre forze comportavano.

*Voi, che scrivendo ogn'hor v'affaticate
Di guadagnarvi un'honorato nome,
Prendete à vostra forza ugal soggetto.*

E quel che segue

Voi trattar dell'anima? voi dell'immortalità? materia la più difficile, e ardua, che habbia la Filosofia, la quale vi resterebbe forse in qualche parte avviluppata, se non fusse il soccorso della Teologia; sapete pure in coscienza vostra che non siete ne Filosofo, ne Teologo e se non erro di vostra bocca hò udito dire, che tali scienze non sono di vostra professione, e pur così audacemente havete voluto metter mano in pasta, circa materia sì alta! e vi siete assicurato a stampar vostri discorsi con titolo sì sublime? con tutto che voi mostriate di far tanta riflessione sopra quella famosa sentenza, *Conosci te stesso*, sapete pure, che Horatio dice nella Poetica, se pur l'havete veduta:

Il primo fonte, e'l rio del scriver bene

Senza dubbio è 'l saper: tradotto dal Dolce, Poiche la vera gloria non si procaccia con l'ostentatione, ma con la fatica, sentenza del medemo Autore:

*Vedesi, che colui, che giunger tenta
A la meta, ch'ei brama nel suo corso
Molte cose patì sendo fanciullo;
Sudò sovente, e provò caldo, e gelo.*

Ma l'importanza è, che anco in voi può quella pestifera opinione.

*A me par brutto invero esser lasciato
Indietro da color, che dotti sono,
E convenirmi confessar in tutto
Non saper quel, che mai non imparai.*

Dovea in questo almeno farvi alquanto ritenuto l'esempio di Aristotele, al quale non è quasi bastato l'animo di lasciarsi intender chiaramente in tal materia; Io per me non vi parlo in questa guisa per far la maestra, o la Filosofessa in insegnarvi, come voi per ischernò mi dite nel medemo tempo, che venite a farmi il Pedante; poiche confesso di esser assai più ignorante di voi in queste⁵⁶ scienza:

⁵⁶ Questa.

ma per riferirvi quello, che odo da tutti coloro, che vedono il vostro libro. Altro ci vuole, Signor mio, che il titolo di Iuris utriusque Doctor, per trattare dell'immortalità dell'anima: ma per farvi accorgere della poca pratica, che havete, si delle scritture spettanti al Teologo, come delle ragioni spettanti al Filosofo, basti rammentarvi l'istessa calunnia, che a me date nel principio; nella quale supposto falsamente, che io neghi l'immortalità, dite, che io sola tra gl'Hebrei dopò tanti migliaia d'anni sono trascorsa in tal errore; nel che se pur non havete vedute le altre scritture, e Gioseffo Flavio Historico, che le varie opinioni dell'Hebraica Nazione riferisce, vi scuso; ma non vi scuso già che non habbiate à mente l'Evangelio della vostra Fede, poiche vi sareste ricordato, che in San Mattheo al cap. 22, li Saducei, una fetta di Hebrei, che negava l'immortalità, andorono a promoverne anco difficoltà a Christo, dal quale fu saviamente sodisfatto, e posto silentio alle loro interrogazioni. Soggiungete anco, che io nego fede all'infalibil chirografo, che scrisse Dio di sua mano: Io non sò, che altro chirografo si trovi nella Sacra Scrittura dalla mano di Dio scritto, che il Decalogo, al quale io non solo aderisco con la fede, ma anco con le opere, per quanto posso, se voi havesti alcun'altra scrittura fatta dalla mano di DIO, in proposito dell'immortalità, haverei caro di vederla; Ma veggiamo quanto bene, e con quanta pratica della lingua, e della scrittura Hebraica vi siate anco valuto della voce Ruach, per formarne argomento a vostro proposito. Dite che nella sacra Scrittura significa propriamente questa voce, la mente Humana, l'Angelica, e la Divina, io qui potrei richiedervi strettissimo conto, di sì fatta interpretatione, se haveste parlato di vostro sentimento: ma perche sò che voi non havete mai veduta lingua Hebraica, e che da altri è stato soffiato nella vostra ciarabottana, dirovvi solo, che da questo fate conoscere chiaramente, che anco le altre cose tutte, che havete dette, vi siete assicurato a dirle, senza intenderle; almeno in questo particolare, parlando voi con una Hebreja dovevate farvi imboccare da chi meglio intendesse la proprietà della lingua, poiche Ruach, altro di sua proprietà non significa che l'aria, il vento, e il fiato col quale noi respiriamo; onde si può vedere quanto bene calzi la vostra conseguenza, mentre pretendete per tal voce provare, che l'anima sia assolutamente incorporea, e immateriale; benche a voler ancor trovare quello che in tal luogo concludiate, vi vuole altra logica, che quella di Aristotele.

Delle ragioni poi spettanti al Filosofo quanto siate intelligente, veggasi nell'istesso bel principio; dove dite che Lucretio chiama a torto Sole de Filosofi Epicuro, il quale negava l'immortalità dell'anima, e a me che voi stimate dell'istessa opinione, dite che conviene a ragione il nome di Luna delle Filosofesse, e qual sia la proportionione di questa ragione, lascio considerarlo a chi legge; ben che io credo, che quella comparatione sia stata da voi posta per occasione di scherzare insipidamente, come in altro luogo, quando affermate, che la corruttione non si fa senza moto cosa altrettanto pregiudicante alla gravità della materia, che si tratta, quanto alla modestia conveniente alla vostra

condizione, e alla professione che fate di Religioso; Ne posso contenermi di notare anco un'altro luogo, appresso me tanto degno di riso, quanto voi lo fate di compassione, e a carte dieci del vostro Libro nel fine, dove dite *Piacesse à DIO che più tosto da burla che da buon senno si morisse*: modo di parlare che esprime il vostro desiderio, il quale sarebbe di non morire, ancorche crediate l'anima immortale! Eh, Signor Bonifaccio, a che giuoco giochiamo? credete fermamente quel che predicate ò nò? se l'anima con la separatione del corpo acquista miglior conditione di essere, come voi provate, e come è certo, perche dunque posponete mal volentieri questo stato a quello; donde deriva il vostro affetto più alla presente, che all'altra vita? è pur vostro argomento a carte num. 14 che la morte, secondo la retta ragione, è alcuna volta da desiderarsi, e preporsi alla vita, massime per le operationi di fortezza, e di altre virtù, come voi ne apportate gl'esempi, e l'autorità di Aristotile; avertite che questo contradirsi è cattivo segno.

Se non fusse per me digressione, mostrerei tante di queste sciocchezze, e luoghi contraddittorij, che non resterebbe alcuna vostra propositione intatta: ma ciò è fuori dal mio proponimento, perche non vorrei che alcuno potesse credere, che con oppugnar le vostre ragioni, io mi opponga in maniera alcuna alla verità della vostra conclusione: oltre che a mostrare i difetti, e imperfettioni della vostra scrittura, altro volume vi bisognerebbe, che di un breve foglio, non havendo ella altro di buono, che la causa che difende: nel resto è così piena di false intelligenze di termini; distorti, e mal intesi sentimenti di scritture; di false forme di sillogismi; di cattive connessioni, e strani passaggi da una in altra materia; di sproposite citazioni di Autori; e finalmente di errori di lingua, che nessuno può continuare a leggerla, senza dar qualche titolo al compositore.

Fin hora però non habbiamo scoperta la cagione, che vi ha potuto movere ad intraprendere sì notabile impresa; non posso credere esser stata malignità, poiche di questa pare che mi assicuri la vostra amicitia, e la piacevolezza della vostra natura; Potrebbe forse dirsi esser stato l'istesso non sapere, atteso che mi ricordo haver letto nel Galateo, che tra l'inciviltà, che commettono gli huomini, una è il voler far ostentatione di se stessi in quello, in che manco vagliono, e però, dice egli, si trovano molti, li quali non sapendo cantare, ò havendo cattiva voce prorompono sempre in qualche cantilena, mentre sono nelle conversationi; e chi non sà ballare vuol sempre far lo snello, e il leggiardo ne movimenti, il che si può creder che facciano per esser tenuti scientifici in quello, in che fanno di esser più ignoranti, e non si accorgono, che non solo accrescono il concetto della lor ignoranza, ma disgustano la conversatione, al qual proposito può applicarsi anco l'esempio di coloro li quali havendo qualche parte difettosa cercano sempre adornarla di vestimenti vaghi, come alcuno che havendo le gambe storte procura portarvi sempre calze de vaghi colori, quasi per fare che la bellezza esterna compensi il difetto interno, e non si avvede che in tal guisa fà maggiormente riguardevole esso difetto,

e alletta gl'occhi de 'riguardanti a considerarlo; se da tal movimento havesse havuto origine la vostra opra, Signor Baldassare, faccio giudice voi stesso se sarebbe da sottoporre alla disciplina del Galateo.

Horsù senza più andar affaticando il pensiero per investigare altre ragioni, a me dà l'animo d'indovinar la vera a questa volta, e sò che voi il confesserete alla libera: Altro non vi ha indotto a far sì longa, e vana fatica, se non quella vana ambitioncella, che vi fa correr volentieri alle stampe credendo che la fama consista in haver di molti volumi fuori, senza haver consideratione alla stima, che ne fà il Mondo, il quale credo sappiate per esperienza quanto mal si soffisfaccia di cose mediocrementemente buone, non che le dozzinali, e scioccamente composte, e però a non correr così facilmente alla stampa, ci fa avvertiti la medema Poetica di Horatio.

Stimasi degno di riprensione

Qual, che si sia Poema: ove l'autore

Consumato non v'habbia a lungo tempo:

E più volte mutata questà, e quella

Parte, fin che corretto e castigato,

Al suo perfetto fin condotto il veggia:

Con tutto questo per si fatta cagione compatisco al vostro animo, il quale cupido di gloria và, per così dire, mendicandola per diverse strade, appagadosi del fumo, ove non può haver la luce; Poiche la vana immoderata sete di gloria indusse anco Empedocle a gittarsi nella voragine di Etna.

Empedocle bramoso

Di lasciar falsa opinione al Mondo,

Ch'egli fosse rapito vivo in Cielo,

E raccolto nel numer de gli Dei

Gettossi d'Etna nell'ardenti fiamme.

Ma per si bel pensiero a che effetto sfidar una Donna? E una Donna che, se bene è vaga di studij, non hà però tali scienze per sua professione: Bisognava per mostrarsi intrepido, e valoroso sfidar gl'Empedocli, gl'Anassagori, gl'Epicuri, gl'Aristoteli, gl'Alessandri Anfrodisei, gl'Averroi, e poiche a loro non è concesso venire dove campeggiate voi, andarli a trovare ne 'loro steccati medemi, che con altrettanta facilità haverebbono forse rintuzzato il vostro orgoglio, con quanta poca modestia voi parlate di alcuni di loro con titolo anco di Porci. Ma, per quel che vedo, voi havete

voluto fare, come si suol dire il bravo in credenza; poiche non solo siete comparso in isteccato, dove non è chi contradica alla vostra querela, ma dove, quando anco haveste contraddittore, che non credo, non è concesso il campo franco: Di modo che, o valoroso fidatore delle Donne, il campo è tutto vostro, passeggiate in esso pur altiero, vibrando i colpi all'aria, ò valoroso campione, ò generoso guerriero, e senza che si oda altro strepito, che della vostra rauca Tromba, gridate pur da voi stesso, vittoria, vittoria, e benche al suono di queste mie brevi parole vi parrà forse di haver trovato qualche incontro da poter intraprender nuova giostra, vi replico, come di sopra vi hò dichiarato, che questo non è cartello di risposta alla vostra disfida, ma un semplice manifesto per iscusarmi del mio non comparire: non essendo cagion di combattimento, dove non è contrarietà di pareri, ne in detti ne in fatti: sì che per me potete deporre affatto l'armi, che ancorche mi provocaste di nuovo con mille ingiurie, non sono più per contraporvi alcuna replica, per non consumare inutilmente il tempo, massime essendo io così nemica di sottopormi a gl'occhi del mondo nelle stampe, come voi ve ne mostrate vago, vivete lieto, e sperate per voi giovevole quell'immortalità, che predicate, se viverete così osservatore della vostra Christiana legge come io professo di essere della mia Hebrea.

Hora poiche voi per terminare con piacevolezza, e diletto il vostro discorso vi aggiungete la cantilena di un Sonetto per mostrarvi in effetto, con la cetra in mano, quell'Orfeo, che nell'opera stessa presumete di essere, sufficiente a cavare una novella Euridice dall'Inferno; io, per comparire in Scena con questa parte, che voi mi date terrò contrapunto al vostro canto, senza però darvi briga di andare al Regno dell'Ombre, poiche mi trovate in quello della luce.

Sonetto del Signor Baldassare Bonifaccio.

À Sarra Copia Sulam.

Sarra, la tua beltà cotanto audace,
Che sdegna trà le prime esser seconda,
È però più caduca assai che fronda,
È però più che vento assai fugace.

E, se potessi dir, ma con tua pace,
Ciò che la tua bellezza in sé nasconda,
Io direi ch'ella è tomba, ov' alma immonda
Di colpa original, sepolta giace.

Questa è la colpa, onde quel colpo uscio,
Che la forma immortal di vita priva,
E corrompe l'immagine di DIO.

Corri, corri al lavacro, ond'hor deriva
La vita: Christo è quell'Angel sì pio,
Che col sangue i morti figli avviva:

Risposta di Sarra Copia Sulam.

Ben so che la beltà ch'al mondo piace
È fior caduco, e di superbia abonda:
Ma de la spoglia fral che mi circonda,
Qual si sia, stima in me l'alma non face.

Per più nobil desio mio cor si sface
Baldassare, ond'ardita, e sitibonda
Quel fonte cerco, onde stillar suol l'onda
Che rende a i nomi altrui fama verace.

Ne cercar dee altro Fonte, od'altro Rio,
Chi di lasciar immortalmente viva
La sua memoria al mondo hà pur desio.

Che s'à far l'alma in Ciel beata arriva
Onda, che bagni il volto, ò 'l petto mio
Di lacrime versar non sarò schiva.

Della medesima. Sonetto all'Anima humana.

O di vita mortal forma divina,
E dell'opre di DIO meta sublime,
In cui se stesso, e 'l suo potere esprime,
E di quanto ei creò ti fé Reina.

Mente che l'huomo informi, in cui confina
L'immortal col mortale, e trà le prime
Essenze, hai sede nel volar da l'ime
Parti, là dove il Cielo à te s'inchina.

Stupido pur d'investigarti hor cessi
Pensier che versa trà caduchi oggetti,
Che sol ti scopri allhor ch'à Dio t'appressi,

E per far paghi què gl'Humani petti,
Basti saper che son gl'Angeli stessi
A custodirti, e à servirti eletti.

Bibliografia

- ADELMAN, Howard Tzvi. Jewish Women and Family Life, Inside and Outside the Ghetto, in Robert C. Davis e Benjamin Ravid (eds.), *The Jews of Early Modern Venice*. Baltimore and Londres: Johns Hopkins University Press, 2001, pp. 143–165.
- AGUILAR GONZÁLEZ, Juan. *Las voces heterodoxas: Sara Copio Sullam, poeta hebrea del Ghetto Vecchio de Venecia*. Sevilla: ArCiBel Editores, 2019.
- AUDEBER, Nicolas. *Le voyage et observations de plusieurs choses diverses qui se peuvent remarquer en Italie*. Paris: Chez Gervais Clouzier Merchand, 1656.
- AZEGLIO, Massimo D'. *Raccolta degli scritti politici*. Turim: Tipografia Fory e Dalmazzo, 1850, p. 277.
- BALSAMO, Luigi. Gli ebrei nell'editoria in alia nel '600 e '700. Atti del III Convegno internazionale, 15-20 de junho de 1986, Tel Aviv. *Italia Judaica "Gli ebrei in Italia dalla segregazione alla prima emancipazione"*. Roma: Ministero per i Beni culturali e ambientali Pubblicazioni degli Archivi di Stato, 1989.
- BASSANI, Giorgio. *O Jardim dos Finzi-Contini*. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Todavia, 2021.
- BERLINER, Abraham, *Luchoth 'Abhanim. Hebräische Grabschriften in Italien*. Frankfurt a. M.: Kauffmann, 1881, p. 80.
- BERGALLI, Luisa. *Componimenti poetici delle più illustri rimatrici d'ogni secolo, raccolti da Luisa Bergalli*. Veneza: Antonio Mora, 1726.
- BOCCATO, Carla. Un episodio della vita di Sara Copia Sullam: il Manifesto sull'Immortalità dell'anima, *La rassegna mensile di Israel*, vol. 39, n. 11, 1973, pp. 633-646.
- _____. Lettere di Ansaldo Cebà, genovese, a Sara Copia Sullam, poetessa del Ghetto di Venezia, *La rassegna mensile di Israel*, vol. 40, n.4, 1974a, pp. 169-191.
- _____. Un altro documento inedito su Sara Copia Sullam: il Codice di Giulia Soliga, *La rassegna mensile di Israel*, vol. 40, nn. 7-8, 1974b, pp. 303-316.
- _____. Nuove testimonianze su Sara Copia Sullam, *La rassegna mensile di Israel*, vol. 46, nn. 9-10, 1980, pp. 272-287.
- _____. Il presunto ritratto di Sara Copia Sullam, *La rassegna mensile di Israel*, vol. 52, n. 1, 1986, pp. 191-204.
- _____. Sara Copia Sullam: La poetessa del ghetto di Venezia: episodi della sua vita in un manoscritto del secolo xvii, *Italia* 6, 1987, pp. 104–218.

_____. Una disputa secentesca sull'immortalità dell'anima-contributi d'archivio, *La rassegna mensile di Israel*, terceira série, vol. 54, n. 3, 1988, pp. 593-606.

BONIFACIO, Baldassarre. *Dell'immortalità dell'anima. Discorso di Baldassare Bonifaccio*. Veneza: Antonio Pinelli, 1621a.

_____. *Risposta al Manifesto della Signora Sara Copia del Signor Baldassare Bonifaccio*. Veneza: Antonio Pinelli, 1621b.

BUSETTO, Giorgio. La leggenda erudita di Sara Copia Sullam, letterata del Ghetto di Venezia, in Civica Biblioteca Aprosiana (ed.), *Il gran secolo di Angelico Aprosio*. Ventimiglia: Casino Municipale Sanremo, 1981, pp.45-66.

_____. COPIO, Sara, in *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 28. Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana, 1983, pp. 582-584.

CALABI, Donatella. *Venezia e il Ghetto, Cinquecento anni del "recinto degli Ebrei"*. Turim: Bollati Boringhieri, 2016.

CALIMANI, Riccardo. *Storia del ghetto di Venezia*. Milão: Mondadori, 1995.

CEBÀ, Ansaldo. *Lettere di Ansaldo Cebà scritte a Sarra Copia e dedicate a Marc'Antonio Doria*. Gênova: Giuseppe Pavoni, 1623.

CICOGNA, Emmanuele Antonio. Notizie intorno a Sara Copia Sulam coltissima ebrea veneziana del secolo XVII, in *Memorie dell'I. R. Istituto Veneto di Scienze, Lettere e Arti*, vol. 12. Veneza: Segreteria del R. Istituto, 1864, pp. 228–246.

COPIA SULLAM, Sara. *Manifesto di Sarra Copia Sulam Hebrea nel quale è da lei riprovata, e detestata l'opinione negante l'Immortalità dell'Anima, falsamente attribuitale dal Sig. Baldassare Bonifaccio*. Veneza: Antonio Pinelli, 1621.

COX, Virginia, e Chiara Ferrari (eds.). *Verso una storia di genere della letteratura italiana. Percorsi critici e gender studies*. Bolonha: Società editrice il Mulino, 2011.

_____. Members, Muses, Mascots: Women and Italian Academies, in Jane E. Everson, Denis Reidy, Lisa Sampson (eds.), *The Italian Academies 1525-1700: networks of culture, innovation and dissent*. Cambridge: Legenda, 2016, pp. 129-167.

CRESCIMBENI, Giovanni Mario. *Comentarj del canonico Gio. Mario Crescimbeni custode d'Arcadia, intorno alla sua istoria della volgar poesia. Vol IV*. Roma: Antonio de' Rossi, 1711, pp. 131-132.

DOLCE, Lodovico. *La poetica d'Horatio tradotta per Messer Ludovico Dolce*. 1636 (segunda edição).

ERNEST, David. *Sara Copia Sullam: une héroïne juive au XVII siècle: etude historique et biographique*. Paris: A. Wittersheim, 1877.

- FAVARO, Francesca. Fascino e problemi di un epistolario del Seicento: le lettere di Ansaldo Cebà a Sara Copio. In *Atti del XVII Congresso dell'ADI – Associazione degli Italianisti*, 18-21 de setembro de 2013, Roma, Università La Sapienza. *I cantieri dell'italianistica. Ricerca, didattica e organizzazione agli inizi del XXI secolo*, ed. B. Alfonzetti, G. Baldassarri e F. Tomasi. Roma: Adi editore, 2014, pp. 1-8.
- FERRI, Pietro Leopoldo. *Biblioteca femminile italiana*. Pádua: Tipografia Crescini, 1842.
- FLORES, Guilherme Gontijo (tradução, introdução e notas). *Horácio. Arte Poética*. Edição bilíngue. Belo Horizonte-São Paulo: Autêntica, 2020.
- _____. *Andare per Ghetti e Giudecche*. Bolonha: Il Mulino, 2014.
- FONSECA-WOLLHEIM, Corinna. *Faith and Fame in the Life and Works of the Venetian Jewish Poet Sara Copia Sullam (1592?–1641)*: Thesis submitted for the degree of Doctor of Philosophy, 1999, Faculty of Modern and Medieval Languages, Cambridge University, Cambridge.
- FORTIS, Umberto, *La “Bella Ebreja”. Sara Copia Sullam, poetessa nel Ghetto di Venezia del '600*. Turim: Zamorani, 2003.
- _____. La difesa della donna ebrea: Sara Copia Sullam e Debora Ascarelli, *Altre modernità*, Università degli Studi di Milano, 2014.
- _____. *Editoria in ebraico a Venezia nel Cinquecento*. Veneza: Arsenale, 1991.
- FRANÇA DE BRITO, Emanuel, Maurício Santana Dias e Pedro Falleiros Heise (tradução, apresentação e organização). *Dante Alighieri. Inferno. Comédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- GALLICCIOLLI, Giambattista. *Delle memorie venete antiche profane ed ecclesiastiche raccolte da Giambattista Gallicciolli. Libri tre. Tomo II*. Veneza: Domenico Fracasso, 1795.
- GAMBA, Bartolommeo. *Lettere di donne italiane del secolo decimosesto*. Veneza: Tipografia di Alvisopoli, 1832.
- GHIRALDINI, Anna. Il Codice di Giulia Solinga (BMCVe, ms Cicogna 270), *La Rivista di Engramma*, n. 136, 2016, pp. 103-115.
- GONZÁLEZ, Kathleen Ann. *A Living Memory: Immortality for Sarra Copia Sulam*. Veneza: Supernova, 2016.
- HANSEN, João Adolfo. Práticas Letradas Seiscentistas, *Discurso*, n. 25, 1995, pp. 153-183.
- HARRÁN, Don (edição e tradução). *Sarra Copia Sulam. Jewish Poet and Intellectual in Seventeenth-Century Venice: The Works of Sarra Copia Sulam in Verse and Prose Along with Writings of Her Contemporaries in Her Praise, Condemnation, or Defense*. Chicago: University of Chicago Press, 2009.
- HELLER, Marvin J. *The Sixteenth Century Hebrew Book. An Abridged Thesaurus. Volume one*. Leiden-Boston: Brill, 2004.

- _____. *The Seventeenth Century Hebrew Book. An Abridged Thesaurus*. Leiden-Boston: Brill, 2011.
- LASSELS, Richard. *The voyage of Italy, or, A Compleat Journey Through Italy*. Londres: R.C.F.R. e A.C., 1686.
- LENEMAN, Helen. *The Venetian Ghetto of the 17th century; its place in Jewish history, and one of its most unique products: Sara Coppio Sullam*, 1986, Master thesis at Hebrew Union College-Jewish Institute of Religion, Edgar F. Magnin School of Graduate Studies, Los Angeles.
- LUZZATTO, Simone. *Scritti politici e filosofici di un ebreo scettico nella Venezia del Seicento*, edição de Giuseppe Veltri. Milão: Bompiani, 2013.
- _____. *Socrates, or on Human Knowledge*. Edição bilíngue. Edição, tradução e notas de Giuseppe Veltri e Michela Torbidoni. Série *Studies and Texts in Scepticism*, vol. 8. Berlim-Boston: De Gruyter, 2019.
- MILANO, Attilio. *Storia degli ebrei in Italia*. Turim: Einaudi, 1963.
- MODENA, Leon. *L'Ester, Tragedia tratta dalla Sacra Scrittura*. Veneza: Sarzina, 1619.
- OTTOLENGHI, Adolfo. Leon da Modena e la vita ebraica del ghetto di Venezia nel secolo XVII, *La Rassegna Mensile di Israel*, Unione delle Comunità Ebraiche Italiane, terceira série, vol. 37, n. 12, 1971, pp. 739-763.
- ROTH, Cecil. *Gli ebrei in Venezia*. Roma: Cremonese editore, 1933.
- SHEAR, Adam e Joseph R. Hacker. *The Hebrew Book in Early Modern Italy*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2011.
- VELTRI, Giuseppe. Body of conversion and immortality of the soul: Sara Copia Sullam, the beautiful Jewess, in Giuseppe Veltri (ed.), *Renaissance Philosophy in Jewish Garb: Jewish Thought and Philosophy on the Eve of Modernity*. Leiden: Brill, 2009, pp. 226–247.
- WESTWATER, Lynn Lara. *Sarra Copia Sulam. A Jewish Salonnière and the Press in Counter-Reformation Venice*. Toronto-Buffalo-Londres: University of Toronto Press, 2020.